

O Festival Política leva a agenda da inclusão (e a música cigana) até Coimbra

Rodrigo Nogueira

Dino D'Santiago e Hugo van der Ding e um filme de Tiago Pereira fazem o warm-up para o evento de Abril em Lisboa

Depois de ter saído de Lisboa e rumado à Évora, Braga e Loulé, o Festival Política estende-se agora até Coimbra, para um *warm-up* que inicia a contagem decrescente para a próxima edição, a ter lugar, como sempre, na capital e por altura do 25 de Abril. Hoje e amanhã, no Convento de São Francisco, desdobra-se em quatro eventos: uma conversa, uma oficina, um filme uma sessão de humor. O festival, que se iniciou em 2017, continua a pretender – segundo Bárbara Rosa, que divide a direcção artística com Rui Oliveira Marques – “promover a participação cívica e a defesa dos direitos humanos”, bem como “o envolvimento dos cidadãos e cidadãs neste trabalho quotidiano que é a construção democrática”.

É a primeira vez que o Política propõe este tipo de evento de “aquecimento”, que não está necessariamente vinculado ao que se passará em Abril. “É um acto único e inédito. Cada edição começa em Lisboa, na altura do 25 de Abril, e este ano o tema é ‘pós-democracia’”. Este *warm-up* tem como tema a inclusão”, resume a organizadora. Os conteúdos serão diferentes, a não ser que algo inesperado leve a organização a mudar de ideias.

O programa de Coimbra arrancará hoje, às 10h30, com uma sessão exclusiva para escolas em que Dino D'Santiago – que dará um concerto à noite no mesmo espaço, fora do âmbito do festival – irá falar sobre o papel da música na transformação do mundo. A conversa, que tem como mote a pergunta “A música pode derrubar muros?”, contará também com uma vereadora da Câmara de Coimbra, Ana Cortez Vaz. “Embora o festival não olhe a públicos, claro que temos atenção aos mais jovens, por motivos óbvios de promover a cidadania”, conta a organizadora. E é importante, diz, aproveitar “a oportunidade de alguém tão influente como o Dino D'Santiago dar educação cívica, não-formal” a estas faixas etárias.

Já amanhã, às 11h, terá lugar a oficina *Tangram – Somos Natureza*, um evento “criativo e de sensibilização” que parte do célebre jogo quebra-cabeças chinês e se destina a crianças dos seis aos 12 anos, para as pôr a pensar na forma como a acção humana pode afectar o ambiente. A entrada faz-se mediante inscrição prévia. “É da responsabilidade do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra”, partilha Bárbara Rosa, lembrando que o Política é “um festival de parceiros com a sociedade civil, e as universidades são parte dela”.

Mais tarde, às 17h, estreia-se em Coimbra um conteúdo saído da edição do ano passado. *A Música Invisível*, documentário de Tiago Pereira sobre a música cigana em Portugal, é uma co-produção do próprio Festival Política que teve como ponto de par-

tida os mais de 250 vídeos gravados pelo país, entre diferentes comunidades roma, para o projecto *A Música Cigana* a Gostar dela Própria, ramificação d'A Música Portuguesa a Gostar dela Própria. Haverá um concerto e uma conversa sobre o tema.

Rui Oliveira Marques explica que faz parte da matriz destes desdobramentos do festival “envolver as comunidades locais”. “Não queremos ser um festival de dois ou três dias e que depois não deixa nenhum lastro”,

argumenta. Neste caso, o Política dará palco a “um grupo informal de pessoas das comunidades ciganas” que se juntou “nas últimas semanas para integrar esta sessão”: “É um grupo de diferentes gerações que no Convento de São Francisco terá um momento para apresentar uma característica muito importante da sua identidade, a música”, diz o organizador. Ao festival, “interessa aproximar comunidades e derrubar preconceitos, de modo a promover um diálogo de igual



O humorista Hugo van der Ding leva ao festival *A Grande Mentira*

para igual entre os participantes.”

Por fim, à noite, Hugo van der Ding apresenta *A Grande Mentira*, espectáculo de humor centrado em mentiras da História de Portugal. Apesar de ser um formato que já apresentou nas edições do ano passado do festival, e que também já mostrou, numa versão curta, na Feira do Livro de Coimbra, o artista tratará de lhe acrescentar algumas novidades, conta ao PÚBLICO. Apoiado em desenhos, consiste num “passeio pelas mentiras da História”, “desde a fundação de Portugal”, com “D. Afonso Henriques a bater na mãe, até à actualidade”. O “grau de gravidade das mentiras”, e o mal que podem fazer, aumenta à medida que “nos vamos aproximando dos Descobrimentos, do Estado Novo, da Guerra Colonial”, nota.

O humorista gaba o festival, que “faz coisas muito importantes em termos de representatividade”. No ano passado, viu, em Braga, *A Música Invisível*, bem como o debate que se seguiu. “É um reduto racista em Portugal, tão endémico que mesmo pessoas que respeitas têm esta xenofobia contra os ciganos, que vivem há 500 anos em Portugal e há 499 anos vêm fazer-se leis contra eles”, partilha.

Nessa sessão, Van der Ding conheceu José Firmino Ribeiro, fotógrafo que há várias décadas documenta a comunidade e que trazia com ele um livro seu com fotografias dos anos 1970. Nos copos pós-debate, um dos intervenientes do filme reconheceu nesse livro o próprio pai, já falecido. É o tipo de coisa que pode acontecer no Festival Política.